



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V**

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

**GESSYCA MARIA PAIVA CAVALCANTE**

**A HISTÓRIA DO MEMORIAL DO CUSCUZ CONTADA A PARTIR DO ARQUIVO  
PESSOAL DE DONA LIA (INGÁ-PB)**

**JOÃO PESSOA/PB  
2022**

GESSYCA MARIA PAIVA CAVALCANTE

**A HISTÓRIA DO MEMORIAL DO CUSCUZ CONTADA A PARTIR DO ARQUIVO  
PESSOAL DE DONA LIA (INGÁ-PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação  
/Departamento do Curso de Bacharelado  
em Arquivologia da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em  
Arquivologia

**Orientador:** Prof. Dr. Ramsés Nunes

**JOÃO PESSOA/PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C377h Cavalcante, Gessyca Maria Paiva.  
A história do Memorial do Cuscuz contada a partir do arquivo pessoal de dona Lia (Ingá-PB) [manuscrito] / Gessyca Maria Paiva Cavalcante. - 2022.  
29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Ramsés Nunes, Coordenação do Curso de Arquivologia - CCBSA."

1. Arquivos pessoais. 2. Inventário arquivístico. 3. Arquivologia e cultura. I. Título

21. ed. CDD 027.1

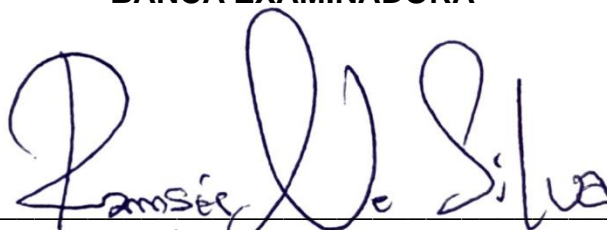
CESSYCA MARIA PAIVA CAVALCANTE

A HISTÓRIA DO MEMORIAL DO CUSCUZ CONTADA A PARTIR DO  
ARQUIVO PESSOAL DE DONA LIA (INGÁ-PB)

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado a/ao Coordenação  
/Departamento do Curso de  
Bacharelado em Arquivologia da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Arquivologia

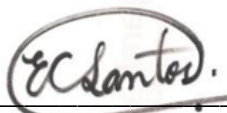
Aprovada em: 28/07/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



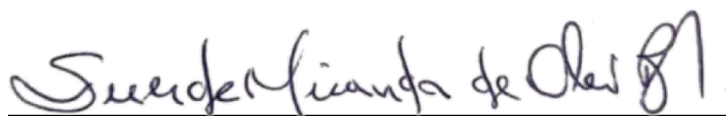
---

Prof. Dr. Ramsés Nunes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Eliete Correia Dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Suerde Miranda de Oliveira Brito  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*“Isso aqui pra mim é tudo,  
guardo com o maior orgulho do mundo,  
porque cada peça dessa guarda um pedaço  
da minha vida e da minha família.”  
Dona Lia*

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	9
2	<b>ARQUIVOS PESSOAIS E ACERVOS: UMA DISCUSSÃO DA HISTÓRIA E DA ARQUIVOLOGIA.....</b>	11
3	<b>MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E HISTÓRIA.....</b>	14
4	<b>ARQUIVOLOGIA, MUSEOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONVERGÊNCIAS E DICOTOMIAS.....</b>	17
4.1	<b>Abordagens conceituais entre arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação.....</b>	18
4.2	<b>Agregações e desagregações conceituais entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: uma questão centrada nas atividades profissionais.....</b>	20
5	<b>O MEMORIAL DO CUSCUZ: UM OLHAR INVESTIGATIVO À LUZ DA ARQUIVOLOGIA .....</b>	21
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	24
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	25
	<b>APÊNDICE.....</b>	27

## A HISTÓRIA DO MEMORIAL DO CUSCUZ CONTADA A PARTIR DO ARQUIVO PESSOAL DE DONA LIA (INGÁ-PB)

### THE STORY OF THE CUSCUZ MEMORIAL TOLD FROM THE PERSONAL FILE OF DONA LIA (INGÁ-PB)

Gessyca Maria Paiva Cavalcante<sup>1</sup>

#### RESUMO

A memória é uma das formas que o ser humano possui à sua disposição para guardar consigo fatos, histórias, processos individuais e coletivos, conquistas, desastres, dentre muitos outros motivos que podem gerar o interesse das pessoas em relembrar experiências. Localizado na cidade de Ingá, Agreste Paraibano, o Memorial do Cuscuz representa a perspectiva de potencialidade para a compreensão das histórias de vida das pessoas que residem no interior nordestino e possuem na culinária uma alternativa para desenvolvimento e empreendedorismo. É nesse espaço que dona Maria Auxiliadora, mais conhecida como Dona Lia, transformou sua história de vida em itens para arquivo pessoal, transmitindo suas experiências a todos os visitantes. A importância deste trabalho centraliza-se na necessidade de descrever, a partir dos documentos do arquivo, a história do Memorial do Cuscuz, Ingá/PB, todos organizados pela idealizadora Dona Lia, representando a sua história. No arquivo pessoal apresenta-se como algo muito maior do que simplesmente arquivar. Pelo contrário, foi o arquivo que deu uma sobrevida à cultura, às tradições regionais, ao fortalecimento da história local e ao reforço da história de vida pessoal, marcada por sucessivas resistências às intempéries sociais e naturais e culminando como uma ferramenta para a sobrevivência e para o sucesso. Considerando o exposto, o presente trabalho tem o objetivo de analisar a posição histórica do Memorial do Cuscuz, no município de Ingá, Agreste da Paraíba, por meio do arquivo. Para o alcance de tal objetivo, foram executadas três etapas, a saber: a etapa 1, que consiste na construção da base teórica do trabalho; etapa 2, que apresenta o teor qualitativo da pesquisa mediante entrevista com a idealizadora do Memorial do Cuscuz; e a etapa 3, que apresenta o inventário arquivístico do local. Para o alcance do objetivo, foram discutidos três eixos: 1) arquivos pessoais e acervos: uma discussão da história e da arquivologia; 2) memória, patrimônio e história e 3) arquivologia, museologia e ciência da informação: convergências e dicotomias.

**Palavras-chave:** Arquivologia e Cultura. Arquivos Pessoais. Inventário arquivístico.

#### ABSTRACT

---

<sup>1</sup> Graduanda do bacharelado em Arquivologia da UEPB, Campus V. E-mail: gessyca.cavalcante@aluno.uepb.edu.br

Memory is one of the ways that human beings have at their disposal to keep facts, stories, individual and collective processes, achievements, disasters, among many other reasons that can generate people's interest in remembering experiences. Located in the city of Ingá, Agreste Paraibano, the Memorial do Cuscuz represents the perspective of potential for understanding the life stories of people who live in the northeastern countryside and who have cuisine as an alternative for development and entrepreneurship. It is in this space that Dona Maria Auxiliadora, better known as Dona Lia, transformed her life story into items for her personal archive, transmitting her experiences to all visitors. The importance of this work is centered on the need to describe, from archive documents, the history of Memorial do Cuscuz, Ingá/PB, all organized by the creator Dona Lia, representing her history. In the personal archive, it presents itself as something much bigger than simply archiving. On the contrary, it was the archive that gave survival to culture, to regional traditions, to the strengthening of local history and the reinforcement of the history of personal life, marked by successive resistance to social and natural weather and culminating as a tool for survival and for the success. Considering the above, the present work aims to analyze the historical position of the Memorial do Cuscuz, in the municipality of Ingá, Agreste da Paraíba, through the archive. To achieve this objective, three steps were carried out, namely: step 1, which consists of building the theoretical basis of the work; stage 2, which presents the qualitative content of the research through an interview with the creator of Memorial do Cuscuz; and step 3, which presents the archival inventory of the site. In order to reach the objective, three axes were discussed: 1) personal archives and collections: a discussion of history and archival science; 2) memory, heritage and history and 3) archival science, museology and information science: convergences and dichotomies.

**Keywords:** Archivology and Culture. Personal archives. Archival inventory.



## 1. INTRODUÇÃO

A memória é uma das formas que o ser humano possui à sua disposição para guardar consigo fatos, histórias, processos individuais e coletivos, conquistas, desastres, dentre muitos outros motivos que podem gerar o interesse das pessoas em relembrar experiências. Diversas são as formas que a sociedade possui para transformar suas memórias em arquivo, e tal efeito possui importância social, visto que, de acordo com a disponibilidade arquivística das experiências de vida é que outras pessoas podem ser sensibilizadas ao exemplo vivido (LE GOFF, 1984).

Localizado no município de Ingá, Agreste Paraibano (Figura 1), o Memorial do Cuscuz representa a perspectiva de potencialidade para a compreensão das histórias de vida das pessoas que residem no interior nordestino e possuem na culinária uma alternativa para desenvolvimento e empreendedorismo.

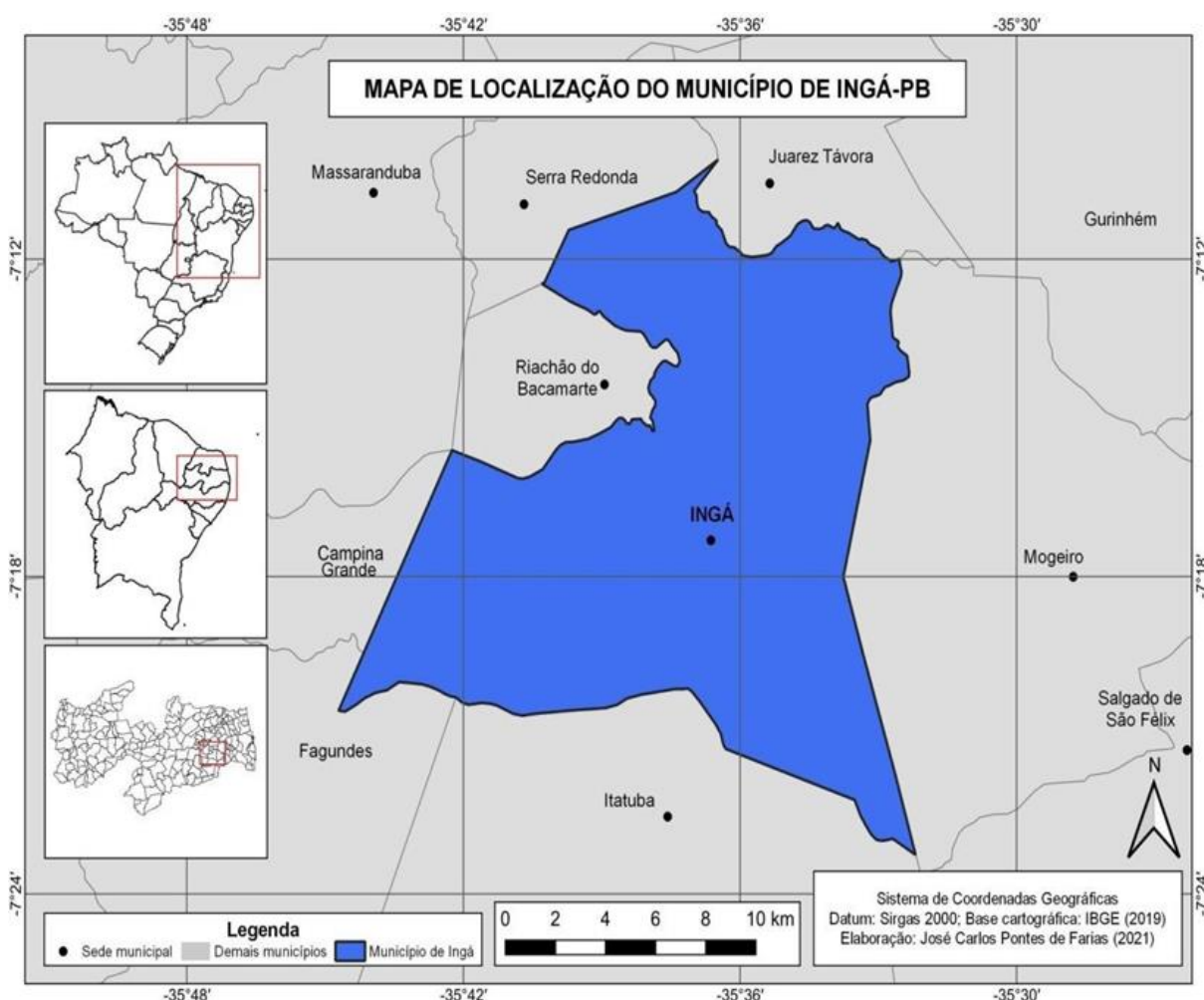


Figura 1– Mapa de localização do município de Ingá. Elaboração: Farias (2021).

Se levarmos em consideração as ideias de Le Goff, é nesse espaço que Dona<sup>2</sup> Lia transformou sua história de vida em itens para arquivo pessoal, transmitindo suas experiências a todos os visitantes. Estas pessoas que visitam o local têm acesso a momentos de aprendizado com as histórias contadas oralmente,

<sup>2</sup> Maria Auxiliadora Mendes da Silva, mais conhecida como Dona Lia, nasceu no Sítio Surrão, zona rural de Ingá, em 16 de fevereiro de 1956. Atualmente com 65 anos, Dona Lia vê no milho a matéria-prima para promover o desenvolvimento do Memorial do Cuscuz.

e dispostas nos itens do arquivo, além de ser proporcionada a oportunidade de saborear a culinária regional, tendo como prato principal um dos alimentos que fazem parte da mesa de praticamente todos os nordestinos: o cuscuz.

Conforme se observa através dos seus potenciais, o município de Ingá tem, por natureza, uma vocação para o turismo. É dentro de suas delimitações territoriais que ocorre o Sítio Arqueológico da Pedra do Ingá, que possui como principal atração uma rocha gnáissica com inscrições rupestres grafadas há milhares de anos, com grafismos que até hoje permanecem indecifráveis pelos estudiosos da Arqueologia, sítio este que foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN no ano de 1944, configurando, assim, como um dos primeiros pontos turísticos do estado da Paraíba (FARIAS; CAVALCANTE, 2021; IPHAN, 2021).

Dona Lia aproveita, portanto, a vocação turística do seu município para promover o Memorial do Cuscuz, compartilhando seus conhecimentos, suas histórias e inovando para conseguir gerar a sua renda. Trata-se, portanto, de um caso de empreendedorismo que possui no arquivo pessoal a principal ferramenta para buscar o sucesso.

Dentre os itens arquivados por Dona Lia em seu Memorial do Cuscuz, destacam-se o moinho para milho, movido à força braçal, tradicionalmente utilizado desde os indígenas, fotografias dos seus antepassados, itens religiosos, itens domésticos, além das listas assinadas pelos visitantes, como uma forma de registro de quem contempla a iniciativa.

A importância deste trabalho centraliza-se na necessidade de descrever, a partir dos documentos do arquivo pessoal, a história do Memorial do Cuscuz, Ingá/PB, todos organizados pela idealizadora Dona Lia, representando a sua história. Os itens que estão arquivados no memorial fazem parte das tradições da região Nordeste, que reproduzem a história de Dona Lia, que embora tenha nascido e se criado na zona rural do município de Ingá, precisou se deslocar até a cidade de Recife em busca de uma vida melhor e, voltando ao Ingá, utilizou os fatores que – antes encarados como negativos – funcionaram como uma propulsão para o empreendedorismo.

Foi durante o período de mudanças em sua vida que Dona Lia iniciou a formar o seu arquivo, denominado por ela mesma como “Memorial do Cuscuz”, este que é composto por itens que sua família possuía. Já de volta ao Ingá, sua realidade mudou drasticamente, pois a casa dos seus pais, localizada na região do Sítio Surrão, parte oeste do município de Ingá, virou um monte de escombros após o falecimento dos mesmos. Foi de dentro desses escombros que Dona Lia retirou. Estes que contam a sua história pessoal, a história de sua família e a história de sua comunidade. Massa documental que possui traços de semelhança com a história da maioria das pessoas que ocupam a zona rural nordestina.

Transferir o ambiente rural para o urbano foi um grande desafio para Dona Lia. Atualmente, o meio técnico-científico-informacional transformou a sociedade em um aglomerado de pessoas interconectadas, com transições entre a sociedade eminentemente agrícola, consumidora do setor primário, e a sociedade informacional, onde o setor terciário prevalece, onde as tradições e costumes seculares foram gradativamente substituídos por vivências mundialmente coletivas, na qual os valores locais foram suprimidos. Transformar um arquivo pessoal rural transportado para o meio urbano durante um período informacional duplica o desafio de tornar o empreendimento um caso de sucesso (SANTOS, 1998).

De acordo com as observações de Svicero (2013), os arquivos pessoais são utilizados com frequência crescente seja como objeto de pesquisa ou fonte de

informações nas mais diversas áreas do conhecimento, mesmo estando ainda em um panorama de exploração teórico-metodológica reduzida, inclusive com legislação específica recente.

O arquivo pessoal apresenta-se como algo muito maior do que simplesmente arquivar. Pelo contrário, foi o arquivo que deu uma sobrevida à cultura, às tradições regionais, ao fortalecimento da história local e ao reforço da história de vida pessoal, marcada por sucessivas resistências às intempéries sociais e naturais e culminando como uma ferramenta para a sobrevivência e para o sucesso. Considerando as características apresentadas, levanta-se a seguinte questão, que poderá ser base para reflexão por meio da aplicação das etapas de realização deste trabalho: quais são os aspectos em que os documentos de arquivo possuem o potencial de resgatar as histórias pessoal e local, dando condições para seu uso em forma de memória e empreendimento de sucesso? Levamos em consideração alguns aspectos possíveis sob a temática a ser discutida. Nosso artigo está dividido a partir de três eixos: 1) arquivos pessoais e acervos: uma discussão da história e da arquivologia; 2) memória, patrimônio e história e 3) arquivologia, museologia e ciência da informação: convergências e dicotomias. As discussões incluídas nessas três vertentes apresentadas versam sobre a pluralidade do assunto abordado no trabalho, fechando as ideias com a questão do acervo do Memorial do Cuscuz.

Nesse sentido, a pesquisa é de tipo qualitativo, realizada durante visita de campo, com levantamento fotográfico, entrevista e pesquisa de depoimentos de Dona Lia na internet, visando uma descrição e análise de seu memorial mais completa e aprofundada.

## **2. ARQUIVOS PESSOAIS E ACERVOS: UMA DISCUSSÃO DA HISTÓRIA E DA ARQUIVOLOGIA**

Segundo Fraiz (1994), em sua gênese dos arquivos, foi somente a partir da segunda metade do século XVI que os arquivos evoluíram em função da especialização de diferentes órgãos governamentais e administrativos para consolidar o poder monárquico absoluto, surgindo, então, os arquivos do Estado.

Entretanto, foi somente no século XVII que a noção de arquivos públicos começou a receber algumas implicações, pois, até então, não existia diferenciação entre a ideia de arquivos públicos e arquivos privados no sentido contemporâneo da teoria arquivística.

Cabe ressaltar, que os arquivos públicos lidam com a transparência no decorrer de suas divulgações, documentos das pessoas da sociedade, preservação histórica, e a obtenção do êxito na busca de informações; já os arquivos privados, lidam com a preservação, o armazenar dos documentos, a segurança do armazenar, e a guarda particular deles, conforme aponta a autora:

Portanto, foi a partir da Revolução Francesa que os antigos arquivos do Estado passaram a ser considerados como arquivos da nação. Além disso, destaca-se como uma das grandes conquistas desta Revolução o reconhecimento da importância dos documentos para a sociedade, resultando em importantes realizações no campo arquivístico. Desse modo, o século XIX trouxe também a preocupação com o resgate da memória, influenciada pelo romantismo juntamente ao processo de constituição das nacionalidades. Assim, é neste século que se evidencia a criação de várias instituições de memória, bibliotecas e museus. No entanto, é preciso lembrar que a inclusão

dos arquivos privados, inclusive dos arquivos pessoais, na definição geral de arquivos, apareceu somente no século XX e sua valorização pode ter coincido com a constituição do indivíduo (FRAIZ, 1994, p. 33).

Sendo assim, os arquivos privados tendem a ser valorizado como um bem valioso e precioso, por apresentarem um valor significativo, cultural e patrimonial<sup>3</sup>. No caso do Memorial do Cuscuz, é esse valor significativo e patrimonial que encontramos. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. E é justamente isso que Dona Lia (fundadora e proprietária do Memorial) preza, a memória, a identidade dos seus entes queridos, os objetos por eles pertencidos, a importância, e o valor atribuído à cada um deles.

De acordo com a Secretaria de Cultura de Alagoas, “o patrimônio cultural de uma sociedade é também fruto de uma escolha, que, no caso das políticas públicas, tem a participação do Estado por meio de leis, instituições e políticas específicas”. Essa escolha é feita a partir daquilo que as pessoas consideram ser mais importante, mais representativo da sua identidade, da sua história, da sua cultura, ou seja, são os valores, os significados atribuídos pelas pessoas a objetos, lugares ou práticas culturais que os tornam patrimônio de uma coletividade (ALAGOAS, 2019).

Como se observa, os arquivos pessoais são cada vez mais utilizados, tanto como fonte quanto como objeto de pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Além disso, cabe ressaltar que o estudo sobre essa categoria de patrimônio é pouco explorado, correspondendo a uma bibliografia bastante escassa. Porém, foi com a Constituição de 1988 que a concepção de patrimônio foi formulada de modo mais amplo, contemplando todas as modalidades do patrimônio histórico (SVICERO, 2013). Logo, a partir da Constituição de 1988 que a concepção da categoria de patrimônio veio a ser mais acessível, mais buscada, tornando assim mais fácil o acesso, mais explorado, um ambiente mais amplo. Ainda no que diz respeito à questão legislativa, a autora se refere da seguinte forma:

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional diz que, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a nomenclatura Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. A Constituição estabelece ainda a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, no entanto mantém a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob responsabilidade da administração pública. Nessa redefinição promovida pela Constituição, estão as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os

---

<sup>3</sup> Na Paraíba, existem espaços que preservam a memória de acontecimentos, pessoas e cenários culturais, a exemplo do Memorial das Ligas Camponesas, no município de Sapé, do Memorial de Margarida Maria Alves, no município de Alagoa Grande, e do Memorial de Jackson do Pandeiro, também em Alagoa Grande.

conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (SVICERO, 2013).

Em regresso à pauta dos arquivos pessoais, uma questão pertinente aos arquivos pessoais, tratada por Luciana Quillet Heymann de maneira bastante crítica, é a valorização das trajetórias individuais como foco de interesse de alguns projetos institucionais, com a criação de memoriais, fundações e institutos voltados especificamente para a preservação da memória de um personagem relevante da história local, regional ou nacional. Desse modo, surgem diversos processos de patrimonialização que associam esses arquivos de natureza pessoal à noção de “legado”. Assim, vistos como os meios de acesso seguro ao passado, os arquivos funcionam como “prova” das trajetórias às quais se busca associar o atributo da exemplaridade e da singularidade, fundamentais à construção da noção de “legado”. Nesse movimento, os acervos são associados à categoria de patrimônio, e passam a ser vistos como material cuja preservação deve ser garantida em nome da memória da coletividade, seja local seja nacional (HEYMANN, 2009).

É justamente isso que o Memorial do Cuscuz busca desde o início de sua fundação, um acervo com toques de originalidade, pessoal, único, cada traço com um significado singular, esses são uns dos argumentos de sua criação, até a sua preservação. É importante ressaltar que atualmente os arquivos pessoais têm assumido relevante posição no cenário das políticas de preservação do patrimônio documental brasileiro, visto que estes, ricos em informações variadas, contribuem para a difusão do conhecimento demonstrando outras acepções. Desse modo, sua preservação e conservação são de interesse público, inclusive a partir da abordagem feita pelos congressistas de Arquivologia.

O Memorial do Cuscuz é rico em informações, todos os turistas e visitantes buscam enriquecer o conhecimento, tendo a conservação e a preservação da memória dos objetos de arquivos pessoais como a peça chave de todo o referencial do lugar.

Assim, no que tange ao campo da memória, pode-se perceber um esforço dos procedimentos de guarda de uma memória individual do homem “comum” que não se restringe mais apenas aos considerados “grandes homens”, ou aos homens públicos, que englobam políticos, militares, religiosos, entre outros. Nesse sentido, a autora ressalta que:

Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo o indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004, p. 13).

Segundo tais premissas, é possível perceber que os arquivos pessoais traduzem muito da ação de seu titular. Porém, é importante destacar que tais ações podem demonstrar o que Gomes (1998) chama de “feitiço dos arquivos privados”, e é nesse caso que os historiadores devem se municiar dos procedimentos de crítica às fontes.

Por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma <<verdadeira>>, aí ele se mostraria de <<fato>>, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros (GOMES, 1998, p. 125).

Continuando de acordo com a autora, o encanto proporcionado pelos documentos pessoais traz uma especificidade que pode ser batizada como “a ilusão da verdade”, na medida em que proporcionam aos pesquisadores a possibilidade de conhecerem seus autores sem disfarces e de forma fantásticamente real (GOMES, 1998, p. 126).

Entretanto, arquivar a própria vida é de fato uma resistência, é construir-se, inovar-se, refazer-se, se preciso for, é moldar-se, até encontrar o que de fato irá representar perante a sociedade, atestando a importância, contrapondo a imagem social da imagem pessoal, de tudo aquilo que acredita.

Assim, alguns arquivos pessoais, cada qual com a sua peculiaridade, podem demonstrar, por meio de uma análise mais aprofundada, seu caráter probatório atestado pelos seus titulares. Desse modo, mesmo que arquivar os registros da vida de um indivíduo seja uma prática recorrente da sociedade contemporânea, como demonstrou Artiéres (1998), um arquivo pessoal pode ser construído pela intenção de seu titular, que acumula e organiza seus papéis conforme seus interesses, muitas vezes na tentativa de direcionar uma futura análise, podendo assim tornar-se um importante objeto de pesquisa.

Por conseguinte, intencionou-se refletir aqui sobre o ressurgimento do indivíduo na história, valorizado pela prática de escrever sobre o outro e sobre si. E, nesse sentido, também se procurou demonstrar como, nas diversas formas que caracterizam o que pode ser chamado de “escrita de si”, os arquivos pessoais conquistaram seu lugar específico e essencial, agregando assim, significativo valor cultural e consequentemente documental. Valor este que vem sendo exibido e tendo o seu acesso cada vez mais procurado como fonte de prova, um resgate histórico.

### **3. MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E HISTÓRIA**

Segundo Le Goff (1924), o conceito de memória é crucial. Embora o presente ensaio seja exclusivamente dedicado à memória tal como ela surge nas ciências humanas (fundamentalmente na história e na antropologia), e se ocupe mais da memória coletiva que das memórias individuais, é importante descrever sumariamente a nebulosa memória no campo científico global.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

A ponto de trazer para a atualidade todos os significados desde a época passada, transformando em significados lógicos e atuais, mas, com o mesmo valor. Ou seja, é não deixar os significados ocultos e/ou sem significância alguma. É torná-los vivos, resilientes e cada vez mais atualizados.

Certos aspectos do estudo da memória, no interior de qualquer uma destas ciências, podem evocar, de forma metafórica ou de forma concreta, traços e problemas da memória histórica e da memória social (cf. Morin e Piattelli Palmarini, 1974). Sendo assim, o patrimônio é uma das formas de materialização dessas memórias.

Zanirato et al. (2021) abordam a questão do patrimônio e sua gama conceitual como algo polissêmico, com forte ambiguidade, uma construção da sociedade que apresenta um significado revestido de atributos variados a depender de quem utiliza o termo, bem como, do que se quer se chamar de patrimônio e em qual época se trata. A apropriação social torna-se o fator mais forte para o que se estuda na pesquisa, pois, de acordo com os autores:

“(...) esse tipo de ação difere do que se entende como patrimônio por regimes de ação: um bem assim considerado por apropriação social, valorado por sentimentos, por significações construídas na relação com o tempo, com a continuidade. Isso permite dizer que há um patrimônio formado pelos “regimes de ação” e um patrimônio instituído, uma patrimonialização institucional, que altera o status de objetos e lugares (ZANIRATO et al., 2021, p. 258).

Geralmente quando se refere a patrimônio, temos a tendência de associá-lo somente ao patrimônio material, ligado a riqueza, que são herdados ou que possuem algum valor afetivo. Porém, patrimônio não se limita apenas sentido de herança. Refere-se também, aos bens produzidos por nossos antepassados, que resultam em experiências e memórias, coletivas ou individuais. Por terem esse papel, acabam por contribuir na formação da identidade desse país, como também na formação de grupos, nas categorias sociais e no resgate a memória, desencadeando assim uma ligação entre o cidadão e suas raízes. Em vista disso, sua preservação torna-se fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento cultural de um povo, uma vez que reflete em sua formação sociocultural.

Preserva-lo então, pode ser uma medida eficaz para garantir que a sociedade tenha a oportunidade de conhecer sua própria história e de outros, por meio do patrimônio material, imaterial, arquitetônico ou edificado, arqueológico, artístico, religioso e da humanidade. Pois através da materialidade, o indivíduo consegue se realizar e afirmar sua identidade cultural, podendo também, reconstruir seu passado histórico (OLIVEIRA; LOURES OLIVEIRA, 2008).

Toda a preservação dos arquivos pessoais do Memorial do Cuscuz é considerada uma forma de garantir à sociedade uma oportunidade de conhecer a sua história, suas necessidades, sua atuação, e até mesmo a história dos familiares de Dona Lia, diante do seu patrimônio histórico cultural.

O patrimônio possui a capacidade de estimular a memória das pessoas historicamente vinculadas a ele, e por isso, é alvo de estratégias que visam a sua promoção e preservação. A preocupação em protegê-los começou no início do século XX. Foram sendo criadas a partir daí, várias comissões e conferências para estabelecer critérios para proteger e conservar o patrimônio. Pois através da materialidade, o indivíduo consegue se realizar e afirmar sua identidade cultural, podendo também, reconstruir seu passado histórico (OLIVEIRA; LOURES OLIVEIRA, 2008).

A preocupação em protegê-los começou no início do século XX. Foram sendo criadas a partir daí, várias comissões e conferências para estabelecer critérios para proteger e conservar o patrimônio. No Brasil, as primeiras medidas oficiais surgiram em 1936, a partir de um anteprojeto de Mário de Andrade e alguns intelectuais da época, com suas concepções sobre arte, história, tradição e nação, através da criação do SPHAN-Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

De acordo com Le Goff (1990), a memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por

capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana. O passado só permanece “vivo” através de trabalhos de síntese da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo a partir do momento em que o indivíduo passa a compartilhar suas experiências, tornando com isso a memória “viva” (ALBERTI, 2004).

No Memorial do Cuscuz o passado permanece “vivo”, desde a entrada ao memorial em si, até a contemplação de todo acervo, facilmente se pode revivê-lo, os detalhes, as experiências trocadas pela fundadora, são de grande valia para que a memória continue presente nos dias atuais.

Apesar de algumas vezes entendermos memória como um fenômeno particular, segundo Halbwachs (1990), ela deve ser compreendida também, como um fenômeno coletivo e social. E os elementos que constituem a memória, tanto individual quanto coletiva, são inicialmente aqueles episódios ocorridos pessoalmente e aqueles vividos pelo o grupo no qual a pessoa se relaciona (POLLAK, 1992).

Em relação à memória individual, tudo aquilo que se é gravado, excluído, lembrado, nada mais é do que o resultado de um trabalho de organização. Quando se trata de memória herdada, a memória pode ser considerada como um elemento pertencente ao sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992).

Então, esse foi um dos focos de Dona Lia, esse sentimento de continuidade, juntou a necessidade, com a continuidade de manter seus entes “vivos” e “presentes”. Para Le Goff (2007), a memória acaba por estabelecer um “vínculo” entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”. Esse vínculo que se torna afetivo, possibilita que essa população passe a se enxergar como “sujeitos da história”, que possuem assim como direitos, também deveres para com a sua localidade. Recorre-se atualmente, com muita frequência, à temática da memória, expressão de interesses e paixões e objeto de um campo interdisciplinar. Diversos termos tendem a ser associados à memória: resgate, preservação, conservação, registro, seleção etc. Neste sentido, a memória parece visualizada sobretudo como dado a ser arqueologizado e raramente como processo e construção sociais.

Le Goff (1984) sugere algumas teses a respeito da memória: sua crucialidade, expressa em noções que se remetem mutuamente: tempo e espaço, suporte e sentido, memória individual e coletiva, tradição e projeto, acaso e intenção, esquecimento e lembrança etc.; as diferenças de natureza entre sociedades com escrita ou não, influenciando na construção social da memória; as diferentes memórias ao longo da história; a memória como fonte de identidade individual e de uma dada sociedade; a memória como objeto de luta das forças sociais pelo poder.

Para Lowenthal (1989), memória, história e relíquias constituem metáforas mútuas, “rotas cruzadas em direção ao passado”, fontes de conhecimento. A memória, ao contrário da história, não seria um conhecimento intencionalmente produzido. É subjetiva e, como tal, um guia para o passado, transmissor de experiência, simultaneamente seguro e dúbio. Sua primeira função “não é preservar o passado, mas adaptá-lo, enriquecendo e manejando o presente”, não se constituindo, portanto, “em uma reflexão pronta do passado, mas reconstruções seletivas e ecléticas baseadas em ações subsequentes, percepções e códigos maleáveis pelos quais nós delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo.” (ibid., p. 194, tradução nossa). A memória é, portanto, processo, projeto de futuro e



leitura do passado no presente. Considerando o objeto deste trabalho, vale observar a noção de relíquias na perspectiva de Lowenthal:

- relíquias não são processos, mas resíduos de processos;
- nenhum objeto físico é um guia autônomo para os tempos antigos: ele ilumina o passado quando já sabemos que esta relíquia pertence a este passado;
- toda relíquia existe simultaneamente no passado e no presente;
- relíquias requerem interpretação para expressarem seu papel de relicário;
- um passado sem relíquias tangíveis parece muito tênue para ter credibilidade;
- pela interpretação de relíquias, a história elabora e amplia a memória.

É possível encontrar na noção de relíquias uma aproximação com a de suportes da memória. Le Goff (1984) menciona os documentos e monumentos como materiais da memória coletiva, diferenciando-os em função de suas características. Assim, os monumentos apresentam alguns atributos específicos:

- são herança do passado;
- evocam o passado, ligando-se ao poder de perpetuação voluntária ou involuntária das sociedades históricas;
- apresentam uma intencionalidade.

De outro lado, os documentos apresentam uma objetividade que se opõe à intencionalidade do monumento. Constituem uma escolha do historiador, triunfando sobre o monumento a partir do positivismo, no século XIX, quando adquire o sentido moderno de testemunho histórico.

A crítica à noção de documento pela Escola dos Annales possibilita a tese de que a sua utilização pelo poder transforma-o em monumento. Assim, ressalta Le Goff:

- cabe reconhecer em todo o documento um monumento;
- não existe um documento objetivo, inócuo, primário;
- o documento é monumento: resulta do esforço de sociedades para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias;
- no limite, não existe um documento-verdade; todo documento é mentira;
- ao mesmo tempo verdadeiro e falso, porque, um monumento, todo documento é antes de tudo uma montagem que deve ser desmontada, uma construção a ser desestruturada, analisando-se as suas condições de produção;
- o documento-monumento deve ser estudado como um instrumento de poder.

A associação entre arquivos e memória é recorrente no pensamento e nas práticas arquivísticas. Lodolini (1990, p. 157) explicita esta relação ocorre desde a mais alta antiguidade, quando o homem demonstrou a necessidade de que sua própria memória fosse conservada, depois sob a forma de desenhos, configurando, na atualidade, uma forte base da atividade humana.

#### **4. ARQUIVOLOGIA, MUSEOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONVERGÊNCIAS E DICOTOMIAS**

Este tópico do trabalho apresentará discussões acerca das questões entre áreas como museologia, ciência da informação com a arquivologia. Serão

consideradas obras que remetem a proximidades conceituais, às questões profissionais, agregações e desagregações, e, por fim, a possibilidade de interlocução entre as áreas.

#### **4.1. Abordagens conceituais entre arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação**

Neste trabalho, os campos de estudo arquivísticos foram consumados e consolidados após o pleno entendimento do que se entende, difunde e pratica sobre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. Tal entendimento partiu da diferenciação conceitual entre tais elementos científicos, visando também a compreensão de que há interdisciplinaridade e, principalmente, relação entre os campos de estudo. No próprio decorrer do curso de Arquivologia, percebe-se a estreita relação cujos fatores, de diversas formas, relacionam os campos, tanto na questão intra, ou seja, no âmbito do próprio curso de Arquivologia, mas também em momentos de relação institucional dos cursos, chegando até mesmo a existir contribuições dentro dos programas e fluxogramas específicos.

Conforme apontam Tanus e Araújo (2012), as relações entre essas áreas da ciência não devem ser desprezadas, ao mesmo tempo em que se deve fomentar as pesquisas a fim de não apenas validar essas relações, mas também de se descobrir mais conceitos que apresentem afinidade no que diz respeito aos campos de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. Segundo os autores:

Desta maneira, considera-se que os campos científicos da Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação são distintos uns dos outros, posto que cada um deles equivale a um microcosmo específico dentro do universo da Ciência. Ademais, cada um desses campos reage de maneira diferente às pressões e as leis sociais, além de terem seus próprios objetos de estudo (mesmo que não haja consenso), comunidades científicas, periódicos, eventos, grupos de pesquisa, conselhos, cursos, entre outros (TANUS E ARAÚJO, 2012, p. 02).

A produção científica nessas áreas corrobora a compreensão de que as mesmas ocorrem em constante relação. No caso em que se analisam obras estrangeiras, nota-se uma maior aproximação entre Arquivologia e a Ciência da Informação, ao contrário da relação entre Museologia e a Ciência da Informação, conforme apontam Tanus e Araújo (2012). Menciona-se aqui o estudo canadense dos arquivistas Rousseau e Couture (1998), responsável por aproximar a Arquivologia da Ciência da Informação ao inserirem na epistemologia da ciência a compreensão de uma nova Arquivologia Integrada, que vai desde o objeto de estudo ao método de pesquisa e tira a Arquivologia do caráter auxiliar inerente aos campos da História e da Administração. Compreende-se, portanto, que ocorreu um novo patamar paradigmático da Arquivologia, em um âmbito de aperfeiçoamento necessário da ciência perante a era da informação e se atualizando para os desafios trazidos pelo novo milênio.

Em uma abordagem mais específica sobre Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, Tanus e Araújo (2012) compreendem que a própria etimologia das palavras as coloca em proximidade não apenas no significado literal, mas também nos sentidos teóricos e técnicos contidos nas vertentes científicas:

Arquivologia deriva do latim *archivum* (arquivo), cuja origem remonta ao grego *ta arkheia* “registros públicos” de *arkheion* “prefeitura, governo municipal”, de *arkhé* “começo origem”; a palavra Biblioteconomia advém do grego *bíblion* “livro, suporte da escrita”, *théke* “caixa, depósito”, as quais formam juntas a concepção de Biblioteca; e a palavra Museologia, também de origem grega, deriva inicialmente de *mouseion* “templo das musas” e, posteriormente, do latim *museum* (museu). Ainda que se considere de visão imediata e restritiva a associação das respectivas instituições nas constituições das palavras arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, entende-se que essa relação válida, em um primeiro momento, os arquivos, bibliotecas e museus como objetos de estudos destes campos científicos. Tendo, com o desenvolvimento teórico dos três campos a ampliação de seus objetos de estudos, as associações entre os nomes dos campos e as instituições e atividades profissionais passaram a ser vistas como interpretações próprias do senso comum (TANUS E ARAÚJO, 2012, p. 03).

Já de acordo com o exposto por Araújo (2011), em uma análise de complemento a esta ideia de relação conceitual e prática, foi a partir da existência dos primeiros arquivos, bibliotecas e museus que ocorreu a elaboração de uma sequência de procedimentos, técnicas e métodos, visto que, os acervos institucionais demandam intervenções, estudos e demais competências arquivísticas. Foi o acumulado eminentemente prático, aliado com as experiências dos profissionais especialistas pela ciência ou até mesmo pelo empirismo, que proporcionou as bases para as demandas científicas das áreas aqui discutidas.

Percebe-se, no entanto, que existe uma proximidade histórica e prática na criação dos primeiros arquivos, bibliotecas e museus, na antiguidade, estes que compreendiam um único acervo ocupando um único espaço, situação que se perdurou pela Idade Média, tornando a relação das áreas em estudo não apenas na teoria, mas também na prática, fato que foi mudando a partir da diversificação dos itens e, também, das funções dos profissionais que ocupavam os espaços, demandando formações e, conseqüentemente, a criação de cursos (ORTEGA, 2009; THIESEN, 2009).

Tanus e Araújo (2012) aproximam esta concepção para a atualidade, como uma forma de reaproximação:

Apesar da distinção entre as instituições e os cursos de formação ter sido iniciada séculos atrás, pode-se notar, atualmente, uma confluência entre os acervos, espaços, funções e profissionais, como o objeto Europeana, que congrega no espaço virtual mais de dois milhões de itens, entre os quais, documentos, livros, objetos, pinturas, imagens, material audiovisual, etc. (TANUS E ARAÚJO, 2012, p. 04).

Surge, portanto, o conceito de memória para servir como um elo entre as questões etimológicas, institucionais e históricas entre os campos científicos, instituições e pesquisadores. Para Thiesen (2009), a memória, no âmbito dos arquivos, está ancorada e é primordial para o funcionamento das instituições. Trata-se, segundo a autora, de elemento condensador da memória coletiva e da História de forma geral.

A memória preservada por meio do arquivo também é espaço para que as culturas permaneçam vivas. Para Homulus (1990), por exemplo, o caráter cultural dos arquivos, bibliotecas e museus é notável, gerenciando coleções e afluindo a

cultura da sociedade põe meio do acesso aos produtos. Trata-se, assim, da inserção de mais um conceito, sendo retomado por Espírito Santo e Murguia (2006), anexando ao conceito de cultura na Arquivologia a questão da coleção e do caráter coletor das instituições, surgindo, assim, as chamadas instituições coletoras de culturas.

A aglutinação de todos esses processos gera, então, o que se entende por Arquivologia em sua prática, conforme aponta Rodríguez (2006). Em sua concepção, a Arquivologia é a ciência dos arquivos e sua compreensão ocorre em sentido totalizador, ou seja, compreende as questões documentais, teorias, práticas e o cumprimento das funções dos arquivos, estes que apresentam os objetivos focados na difusão da informação e da compreensão das ciências documentais.

#### **4.2. Agregações e desagregações conceituais entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: uma questão centrada nas atividades profissionais**

Inicialmente, compreende-se que a distribuição profissional das três áreas ocorre em três categorias profissionais, a saber: os arquivistas, os bibliotecários/documentalistas e os museólogos. Não se trata, porém, de uma distribuição internacionalmente homogênea, principalmente no que tange às categorizações diversas, sobretudo, em países europeus, ou até mesmo na confusão categórica, como ainda ocorre no Brasil.

Para Smit (2000), a compreensão das denominações é de grande importância:

“Deve-se acrescentar, finalmente, que a mesma categoria pode ter diversas denominações. A categoria dos documentalistas, em particular, diversificou-se ao longo do tempo para um leque de expressões tais como “administradores” ou “gestores da informação”, “analistas” ou “especialistas da informação”, e assim por diante. A estas três categorias profissionais, associamos, em 1993, a denominação “3 Marias”, numa tentativa de atingir simplificação didática sem pretender refletir o espectro profissional em todas as nuances.” (SMITH, 2000, p. 27-28);

O impacto dessa compreensão ocorre de forma direta nas práticas profissionais, considerando-se, nesse sentido, como uma sedimentação do trabalho, onde cada profissão é compreendida de forma isolada, na qual as pesquisas e bibliografias são próprias, e as relações acadêmicas como congressos e associações são particulares, o que acaba, como aponta Smith (2000), contribuindo para com a obstrução do fluxo informacional, impedindo, assim, uma visão de contexto maior, podendo-se pensar, inclusive, de forma ousada ao citar o sistemismo.

A tecnologia apresentou, nesse sentido, a partir do seu advento e, conseqüentemente, de sua popularização, facilidade de acesso e comodidade para as empresas, progressos relevantes nas formas de registrar uma informação, além das questões inerentes à organização, porém, lembra-se que o armazenamento dessas informações continua, desta vez em computadores ou espaços de memória eletrônica. É fundamental para o arquivista uma vez que este deve disponibilizar, além da informação, a prova (o documento) ou o museólogo que deve “mostrar” fisicamente o suporte da informação, ou seja, o objeto.

Nesse sentido, considerando a dinamicidade do arquivo, do acervo, além das questões profissionais, Smith dividiu o gerenciamento de armazenamento das informações, bem como sua utilização, em três grandes grupos:

- Gestão de memória – seleção, coleta e avaliação de documentos/objetos e estoques informacionais;
- Produção de informação documentária – representação da informação estocada e consequente produção de informação documentária (bases de dados, catálogos, resumos etc.);
- Mediação da Informação – a comunicação de informações objetivando uma efetiva transferência da informação das necessidades informacionais dos usuários.

A aplicabilidade deste trabalho ocorre no âmbito da Gestão de memória, em que os arquivos são selecionados, coletados e inseridos em um estoque, desta vez o estoque físico, contendo a característica central a afetividade enquanto memória, na qual cada arquivo possui uma história, um significado e uma importância para a vida de quem idealizou o acervo.

## 5. O MEMORIAL DO CUSCUZ: UM OLHAR INVESTIGATIVO À LUZ DA ARQUIVOLOGIA

O espaço no qual o Memorial do Cuscuz está situado consiste no quintal da casa de Dona Lia, e é neste ponto que se situam os itens do seu arquivo, distribuídos em prateleiras ou pendurados nos caibros do local, além de dispor do fogão à lenha, para que ela possa produzir os pratos servidos.

A casa de Dona Lia é simples, porém apresenta características de preservação. Sua arquitetura é baseada nas residências construídas na década de 1990, de funcionalidade exclusiva para as moradias, contendo um terraço na frente, dois quartos, uma sala, a cozinha, os banheiros e o famoso quintal, onde se localiza o memorial.

Dona Lia é uma protagonista feminina que construiu sua história baseada nas ações e medidas tomadas para a sobrevivência da família. Seu memorial teve início do zero e avançou conforme a singularidade do espaço foi se espalhando entre os visitantes. O empreendedorismo, a economia criativa e o apego pelas características regionais dão à Dona Lia uma posição de destaque não apenas na cidade do Ingá, mas também no Brasil, já que a proprietária do local apareceu em entrevistas, programas de TV e exibições na internet em veículos locais, regionais e nacionais<sup>4</sup>.

A diversidade do arquivo de Dona Lia é relevante. Nele, estão visíveis itens de sua família, remetendo aos seus antepassados, além de presentes, e outros itens disponíveis no Quadro 1, onde estão informações sobre o item, a quantidade, como foi adquirido e período de aquisição.

Nome do item	Qtd.	Aquisição	Período
Bule	6	Patrimônio dos avós	1996
Chaleira	2	Patrimônio da mãe	1956

<sup>4</sup> Principais participações em programas e aparições em vídeos: Programa Mestres do Sabor, Rede Globo, 07/11/2019; Programa Eliana, 20/03/2022; Chef JPB, TV Cabo Branco, 04/02/2022; Geografia da Paraíba: Memorial do Cuscuz: da tradição ao empreendedorismo em Ingá/PB, 24/06/2020; Histórias, sabores e belezas do município de Ingá-PB, 21/03/2021; Ingá-PB: história e cultura na Princesa do Vale do Paraíba, 17/06/2022.

Objetos de decoração	6	Patrimônio da mãe	1972
Lampião	1	Patrimônio da mãe	1997
Ferro de passar à brasa	4	Patrimônio da família	1997
Imagens católicas	3	Patrimônio da família	1968 a 2002
Cuscuzeira de barro	1	Artesanato	2015
Candeeiro	1	Patrimônio da família	1978
Louças de barro	1	Artesanato	2016
Concha de côco	3	Roçado	2016
Radiolas	2	Patrimônio da família	1978
Televisão	1	Patrimônio da família	1978
Máquinas fotográficas	3	Patrimônio da família	1980
Pilão	1	Patrimônio da família	1996
Foice	1	Serra Velha	1997
Machado	1	Serra Velha	1997
Dobradiça	1	Serra Velha	1997
Banco de madeira	1	Patrimônio da família	2017
Moinho de milho na pedra	1	Patrimônio da família	2010
Balaio	3	Patrimônio próprio	1974
Funil	1	Patrimônio da família	2017
Chocalho	1	Patrimônio da família	2012
Canga de carroça	1	Serra Velha	2012
Máquinas de costura	2	Patrimônio da família	1978
Cadeira preguiçosa	1	Patrimônio da família	1997
Peça de motor de mandioca	1	Patrimônio da família	2016
Potes de barro	2	Patrimônio da família	2011
Fechador de marmitta	2	Presente da vizinha	2017
Fotografias	5	Patrimônio da família	1997
Coleção de minerais e rochas	1	Patrimônio próprio	2002
Cabaços	5	Roçado	2001
Bonecas de pano	6	Artesanato próprio	2016
Luminária	1	Patrimônio da família	1995
Conjunto de louças de barro	1	Presente de uma amiga	2022
Estribo	1	Presente de um amigo	2014
<b>Total de arquivos</b>			<b>74</b>

Quadro 1 – catalogação do arquivo pessoal do Memorial do Cuscuz.  
Organização: a autora (2022)

De acordo com o Quadro 1, o Memorial do Cuscuz possui um arquivo pessoal contendo 74 itens, estes que são de origens variadas que vão desde o acervo da família até presentes, e temporalidade desde a década de 1960 até o ano em curso. Os itens variam desde a decoração, até produtos de uso contínuo do memorial, como o moinho de pedra, item este que Dona Lia utiliza para moer o milho utilizado em um dos principais pratos servidos: o angu.

O Memorial do Cuscuz se posiciona, portanto, como uma alternativa de preservação da memória por meio do arquivo pessoal, o que remonta a sua importância não apenas para a vida de Dona Lia, mas também para as tradições nordestinas.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A memória, a tradição e a economia criativa são três dos elementos mais marcantes do Memorial do Cuscuz. O local, que possui estabelecido o arquivo pessoal de Dona Lia, apresenta relevante contribuição para a compreensão do que se entende como patrimônio, seja ele material ou imaterial, mas com uma característica em comum: o patrimônio afetivo.

O resgate da história familiar presente nos itens do memorial é visível quando se contempla cada item e sua história. Cada um dos itens possui um significado para Dona Lia, e isso é mostrado também quando se estabelece uma linha cronológica a partir do que se verificou na pesquisa, com duração de várias décadas, desde 1960 até a atualidade.

Compreende-se, portanto, que o Memorial do Cuscuz é um patrimônio material afetivo, no qual os itens arquivados possuem histórias específicas e significados afetivos para quem os guardou.



## REFERÊNCIAS

- ALAGOAS. Governo do Estado de Alagoas. Secretaria de Estado da Cultura. **Patrimônio cultural: o que é?** Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/patrimonio-cultural/principal/textos/patrimonio-cultural-o-que-e>>. Acesso em: 28/09/2021.
- ARTIÉRES, P. Arquivar a Própria Vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico Nacional. **Patrimônio Cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em: 26/09/2021.
- FARIAS, J. C. P.; CAVALCANTE, G. P. Análise dos potenciais socioeconômicos do município de Ingá-PB com ênfase em atividades turísticas. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada à Gestão Territorial**, Fortaleza, 2021.
- FRAIZ, P. M. V. **A construção de um eu autobiográfico: o arquivo privado de Gustavo Capanema**. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- GOMES, A. C. Escrita de Si, escrita da História: a título de prólogo. In: \_\_\_\_ (Org.). **Escrita de Si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 07-24.
- GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, 320 p.
- HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**, Trad, de Laurent Léon Schafter, São Paulo Vértice/Revista dos Tribunais, 1990, Tradução de: La mémoire collective.
- HEYMANN, L. Q. **As obrigações do poder: Relações pessoais e vida pública na correspondência de Filinto Müller**. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- HOMULUS, Peter. Museums to libraries. **Art libraries journal**, v. 15, n. 1, 1990.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Itacoatiaras do Rio Ingá (PB)**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/824>>. Acesso em: 11/05/2021.
- JARDIM, J. M. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação** - Vol 25, número 2, 1995.
- Le Goff, J., 1924. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- OLIVEIRA, L. M.; LOURES OLIVEIRA, A. P. P. Criação, experiência e manipulação do conhecimento revelado nos registros gráficos de crianças. In: LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; OLIVEIRA, L. M. (Org.) **Arqueologia e patrimônio de Minas Gerais: Ouro Preto**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROCHA, T. S. F. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. **Anais do XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG)**. Mariana, Minas Gerais, 2012.

ROUSSEAU, J.; COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina Arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SANTO, S. M. E.; MARANON, E. I. M. **Relações pendulares na mediação da informação: arquivo - biblioteca - museu.** , . Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/179017>>.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SMIT, J. W. Informacao. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicações e Artes. Instituto de Estudos Brasileiros. **Organização de arquivos: XIV curso de especialização**. São Paulo, 2000. p. 20-31.

SVICERO, T. J. Os Arquivos Pessoais e sua importância como Patrimônio Documental e Cultural. **Revista História e Cultura**, Franca-SP, v.2, n.1, p.221-237, 2013.

TANUS, G. F. S. C.; ARAÚJO, C. A. V. O conceito de documento na arquivologia, biblioteconomia e museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 158-174, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/2101>>.

ZANIRATO, S. H.; ROTONDARO, T. G.; FERREIRA, M. L. M.; ISNART, C. Patrimônio cultural: saberes e fazeres no discurso cultural-epistemológico. **Estudos Avançados**, vol. 35, n. 103, 2021.

## APÊNDICE



Apêndice A – fotos do arquivo pessoal do Memorial do Cuscuz.  
Fonte: acervo da autora.



Apêndice B – fotos do arquivo pessoal do Memorial do Cuscuz.  
Fonte: acervo da autora.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, e por ter me proporcionado chegar até aqui diante de tantos obstáculos. Ao meu orientador Ramsés Nunes por ter aceito e acreditado na minha pesquisa, desde o início já sabia que seria ele. Ao meu irmão Gabriel de Paiva Cavalcante pela parceria e suporte, sem ele não teria conseguido. A toda a minha família que sempre me apoiam e torcem por mim, em especial a minha prima, Amanda Cavalcante. Agradeço também aos professores(as) que de alguma forma marcaram a graduação e a minha vida, Ana Lúcia Carvalho, Henrique França, Eliete Correia Santos e Suerde Brito. Aos meus colegas de turma, Rafaela Ingrid, Nathalia Simões, Esli Santos, Janiere Barbosa e Geórgia Carolina pela amizade, companheirismo e parceria, tornando o percurso mais saudável. Ao amigo José Carlos (Carlitos Paraíba) pela ideia da temática e pela oportunidade de conhecer Dona Lia. A todos os meus amigos e todas as outras pessoas que contribuíram direta ou indiretamente.

A instituição UEPB Campus V, essencial no meu processo de formação profissional, vivi momentos incríveis, já chorei de tristeza na universidade, mas também já chorei de felicidade. Só gratidão.

Ter chegado até aqui é a realização de um grande sonho, não só meu, como da minha mãezinha que hoje não está mais aqui entre nós, dedico este trabalho a minha guerreira Maria José de Paiva Cavalcante, a quem me educou, me ensinou o que é certo e errado, e me amou acima de qualquer coisa. Tudo o que sou, e irei ser, devo a ela. É doloroso pra mim estar digitando isso, quem me conhece sabe o que tenho passado durante esse tempo sem ela, queria que ela estivesse comigo comemorando essa grande conquista nossa. Mas acredito nos planos de Deus, é o que tem me confortado nos dias difíceis. O nosso sonho se realizou. É para você, dona “Zezinha” como era conhecida por todos.